

VER A MATURA IDADE COM O OLHAR ÉPICO DE CAMÕES

GIL CLEMENTE TEIXEIRA*

Resumo: *O artigo aborda a representação da velhice no poema épico camoniano, notando que só uma vez se regista a palavra velhice no poema, embora haja vários velhos em Os Lusíadas. Por outro lado, tenta dar a ver a velhice com o olhar sempre poliédrico de Camões, recorrendo às cartas, lírica e peças de teatro, abrindo algumas das múltiplas hiperligações clássicas que o poema contém. Se acreditarmos em Vergílio Ferreira¹ quando nos ensina que «Camões instaura em nós uma imagem de nós, desenvolvendo todas as nossas virtualidades em que possamos rever-nos por inteiro», esta reflexão, apoiada por estudiosos que esperamos serem lâmpadas no escuro, mais não será do que um exercício, talvez doloroso, de nos olharmos ao espelho, de pensarmos em português a matura idade com a ajuda de Camões, cultor exímio do órfico ofício (mais um dos títulos assumidamente furtados, por sugestiva influência, mas sem sombra de angústia, a David Mourão-Ferreira).*

Palavras-chave: *Velhice; Camões; Os Lusíadas.*

Abstract: *The article analyses the representation of old age in Camões' epic poem and notes that the word velhice (old age) appears only once, although there are several old people in Os Lusíadas. It attempts to view old age from Camões' polyhedral perspective, using his letters, lyric verse and plays, and analysing multiple, classical hyperlinks found in his poem. If we are to believe Vergílio Ferreira² when he teaches us that «Camões establishes in us an image of ourselves, developing all our potentialities in which we can see ourselves completely», this reflection (underpinned by scholars who we hope are lamps in the dark) will be nothing more than a perhaps painful exercise of looking at ourselves in the mirror, of thinking of the mature age in Portuguese with the help of Camões, an expert cultivator of the Orphic craft (another of the titles admittedly stolen, by suggestive influence, but without a shadow of anguish, from David Mourão-Ferreira).*

Keywords: *Old age; Camões; Os Lusíadas.*

Inspirados por David Mourão-Ferreira³, regressemos a esse monumento de palavras, de prata e de cinza, de lava e de nada, que Camões nos deixou felizmente em testamento, *Os Lusíadas*. Partimos de uma pergunta, que gerará, por certo, novas perguntas: qual a representação da velhice no poema épico camoniano?

Pelo poema surgem referências pontuais à velhice que ajudam a definir os contornos da tão complexa quanto completa visão camoniana da matura idade.

* Bolseiro de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2019-2020). Email: gilteixeiradoc@gmail.com.

¹ FERREIRA, 1985.

² FERREIRA, 1985.

³ O título do colóquio em que foi apresentado este texto (*Matura Idade: considerações sobre a velhice*) sugeriu-nos de imediato este Autor pelo seu livro de poesia com o mesmo nome publicado em 1973. No pórtico deste texto retomamos o simbólico poema «Testamento» do livro *Órfico Ofício* (MOURÃO-FERREIRA, 1980: 237-241).

Logo no canto I, verificam-se duas brevíssimas referências a netos e avós: uma no plano humano, D. Sebastião e os seus avós, D. João III e Carlos V⁴, e adiante, outra no plano divino, Mercúrio e Atlante⁵. Os reis são apresentados como modelos de comportamento e no neto jovem, dedicatário do poema épico, espelham-se as suas qualidades. Atlante é aquele que recebeu como condenação carregar o mundo aos ombros. No canto III, Camões lembra-nos o Velho Saturno que devora os próprios filhos⁶, perífrase do tempo que devora os dias, e a nós com eles, e logo adiante o caso mitológico de Cila que mata o velho pai⁷ (Faria e Sousa diz-nos para lermos o caso nas *Metamorfoses* de Ovídio, no pórtico do livro oitavo)⁸. O crime cometido contra o pai por amor a Minos, num método semelhante à bíblica Dalila, é castigado com uma metamorfose da amada numa ave. Velho é também o Caos⁹, primeiro ser a existir de acordo com a *Teogonia* de Hesíodo¹⁰. Do Caos tudo foi gerado; o grito do Caos é o mundo.

Possuem um forte significado no âmbito da nossa análise as velhas e os velhos com identidade no poema. O primeiro fala durante a passagem dos lusitanos por Moçambique¹¹: Baco veste a pele de um mouro, velho e sábio, para enganar os portugueses, movido pelo ódio amargo, e lhes dar um falso piloto que os guie à morte. A isso o persuade o Xequo mouro. Não deixa de ser interessante pensar este primeiro velho falante do poema: a idade é usada como exercício de uma dúbia autoridade moral. Do velho esperava-se um conselho seguro, a indicação do caminho certo. Faria e Sousa lembra o leitor desmemoriado que este ardil não é novo¹²: em Virgílio, na *Eneida*, Alecto transforma-se na velha sacerdotisa Cálibe para incitar Turno à guerra. A razão óbvia desta opção dá-no-la o camonista de memória inigualável: «I esto es, porque a la vejez se dá mas credito»¹³. Como em contraface, é-nos apresentado no mesmo canto um «velho inerte»¹⁴, sem nome, de identidade dúbia, que blasfema e maldiz a guerra iniciada entre portugueses e mouros, segundo Faria e Sousa¹⁵. É certo que ele fala, mas nós, leitores, não o ouvimos. As palavras nunca são inocentes em Camões. Inerte significa sem arte, que não domina já nenhuma técnica, donde inativo, entorpecido, estéril. No mesmo canto, repare-se, coabitam um velho

⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 17.

⁵ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 20.

⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 22.

⁷ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 32.

⁸ CAMÕES, 1972: canto III, 46.

⁹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VI, est. 10.

¹⁰ HESÍODO, 2014: v. 116.

¹¹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 77.

¹² CAMÕES, 1972: canto I, 336.

¹³ CAMÕES, 1972: canto I, 336.

¹⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto I, est. 90.

¹⁵ CAMÕES, 1972: canto I, 353.

astuto incitador da guerra e o seu contrário, aquele que maldiz a guerra (e afastemos desde já o perigoso maniqueísmo: mouros/mal-cristãos/bem).

Com nome, há um velho que se destaca no canto III: Afonso Henriques. Após a descrição da sua vida, Camões descreve assim a sucessão do reino: «Por que levasse avante seu desejo,/Ao forte filho manda o lasso velho/Que às terras se passasse d'Alentejo/Com gente e co belígero aparelho»¹⁶. Note-se: lasso velho, isto é, cansado, fatigado, esgotado. Porém, como de um herói se trata, ao poema regressa num quadro de ajuda ao filho dele necessitado:

*Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co a idade*¹⁷.

Apenas vence o herói a muita idade, os muitos dias (Faria e Sousa lembra a semelhança, justificadíssima, desta descrição com a da morte de Abraão no *Génesis*¹⁸):

*De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso, Príncipe subido,
Quando quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava,
Com fria mão, o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos, deste jeito,
À triste Libitina seu direito*¹⁹.

Percebemos por Camões que a nobreza de Afonso em muito se deve ao seu amo Egas Moniz, «forte velho», como nos é descrito no canto VIII²⁰.

Lembremos que é um outro velho, Afonso IV, que assume um papel crucial no episódio de Inês de Castro. Este «velho pai sesudo»²¹, rei benigno, quer perdoar Inês,

¹⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 75.

¹⁷ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 80.

¹⁸ CAMÕES, 1972: canto III, 118.

¹⁹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 83.

²⁰ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VIII, est. 13.

²¹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 122.

movido apenas pelas palavras que o magoam, mas o povo e o destino não lho concedem. Camões não dá voz a este velho. Apesar do adjetivo camoniano, Faria e Sousa comenta que nenhum siso mostrou o rei nesta ação e, por isso, merece a designação de «avô cruel»²². Camões não quererá distinguir um Afonso IV, pai, de um Afonso IV, avô? Lembremos que o culpado desta tragédia é apenas o Amor. Inês torna-se, pois, uma nova Policena, uma das filhas de Príamo e de Hécuba, sacrificada sobre o túmulo de Aquiles. No *símile* camoniano de tonalidade clássica²³, emerge a figura homérica de Hécuba, a *mãe velha* que foi privada da sua última consolação após a destruição de Troia. A esta velha, liga-se forçosamente uma outra no texto camoniano que no final do canto IV interroga o filho que parte para a Índia:

*Qual vai dizendo: — Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce emparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabar, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo encerramento
Onde sejas de pexes mantimento*²⁴?

A estas perguntas o filho não responde, nem para a mãe volta o olhar. Lembre-se que o Gama decide partir com os nautas sem a despedida habitual (porque insistimos em chamar ao episódio «Despedidas em Belém»?). Reparemos num pormenor: *mísera e mesquinha* é o sintagma usado por Camões para apresentar Inês no canto III²⁵. Aqui é reutilizado na voz da única velha que fala em todo o poema. Fica autorizado o paralelismo: Inês foi privada da velhice que pretendia alcançar com a companhia dos filhos, seu *refrigério*; a outra alcançou a velhice, mas é privada do filho, seu *refrigério* (no poema são estas as duas únicas ocorrências desta palavra). Afinal, a qual coube pior fortuna? Não há *refrigério* possível para aquelas que em si geraram vida? A amargura da velha sem nome perante o destino oculto do filho, igualmente sem nome, agudiza-se no leitor se recordar da *Eneida* a amargura de dois velhos que também foram privados dos filhos: a mãe de Euríalo, jovem que parte para o combate nos versos do canto IX da *Eneida*, e ao qual a mãe dirigiu umas últimas palavras já depois da sua morte: «És tu, Euríalo, este que estou a ver? Então tu, repouso tardio da minha velhice, foste capaz de me deixar sozinha,

²² CAMÕES, 1972: canto III, 187.

²³ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 131.

²⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 90.

²⁵ CAMÕES, 2017 [1572]: canto III, est. 118.

ó cruel?»²⁶, e o velho Evandro, que assim se dirige a Palante, seu filho, antes da partida para a guerra: «meu caro filho, meu único e tardio motivo de prazer»²⁷. Palante também morreu. Mais uma pista clássica: acreditemos na proposta de Houwens Post²⁸ e Joaquim Lourenço de Carvalho²⁹ que vinculam o texto camoniano à *Argonautica* de Valério Flaco³⁰, inspirada por sua vez na de Apolônio de Rodes. Assim, podemos ver na velha do canto IV uma nova Alcímede, mãe de Jasão, que amargamente se despede do filho. *Porque de mim te vás?* é no fundo a pergunta que atormenta Dido aquando da partida de Eneias. Mas talvez a mais evidente ligação a fazer com esta velha seja de teor bíblico: *Porque me deixas?* é a pergunta que faz Maria em frente à cruz no *De Partu Virginis* de Sannazaro de 1526³¹.

Há quatro velhos de aspeto venerando n'Os *Lusíadas* (aliás, a sublinhar: Camões apenas utiliza *venerando* quando se refere à condição de ser velho). No canto IV³², os rios Ganges e Indo surgem personificados num sonho a D. Manuel I como dois homens muito velhos. Sabemos da Bíblia: o sonho é lugar de revelação. É a voz sábia do velho que personifica o Ganges que conduz Manuel a dar forma à aventura, ecoando, como sempre, os clássicos: o sonho de Dante no fim do Purgatório³³, o sonho de Eneias com o rio Tibre³⁴, o sonho de Eneias com o pai Anquises³⁵.

No mesmo canto, mais uma vez em contraface, é a um velho, também de aspeto venerando³⁶, que o poeta concede um papel particularmente controverso: o de quebrar o monologismo épico do poema, o de sublinhar a «múltipla natureza» do poeta Camões³⁷, a coexistência tensiva de um Camões que exalta o prazer, a sensualidade, a energia heroica, a aventura dos Descobrimentos e da conquista de novas terras e de um Camões que tudo vê de outro plano, com olhos longínquos, desencantados, iluminados, de moralista místico. As últimas dez estâncias do canto IV configuram, segundo Aguiar e Silva³⁸, um magno problema hermenêutico da epopeia: prova disso é a longa discussão crítica sobre o assunto, apresentada de forma sistemática por Zulmira Santos no *Dicionário de Camões*³⁹. É a um velho, pela sua inegável experiência, pela sua aturada memória, que Camões confia o papel

²⁶ VIRGÍLIO, 2013: canto IX, vv. 481-483 («hunc ego te, Euryale, aspicio? tune ille senectae/sera meae requies, potuisti linquere solam/crudelis?»).

²⁷ VIRGÍLIO, 2013: canto VIII, v. 581 («care puer, mea sola et sera voluptas»).

²⁸ POST, 1958.

²⁹ CARVALHO, 1970.

³⁰ FLACO, 2010.

³¹ CARVALHEIRO, 2009: 68 («sic me solam exanimemque relinquis?»).

³² CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 71.

³³ DANTE, 2015: Purgatório, canto XXXIII.

³⁴ VIRGÍLIO, 2013: canto VIII, vv. 36-65.

³⁵ VIRGÍLIO, 2013: canto V, vv. 722-740.

³⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 94.

³⁷ CAMÕES, 1944.

³⁸ AGUIAR E SILVA, 2008: 128.

³⁹ SANTOS, 2011: 953-957.

de alerta da fragilidade do homem, da vanidade de tudo, do desengano mortal que tão bem se vê nas redondilhas *Sôbolos rios que vão*, num ou noutra passo da lírica e, nunca referido, na carta escrita de Ceuta antes da partida para a Índia⁴⁰ (onde vemos que a vida nos trata como alheios de si, e com razão, visto ser a alma divina e o mundo a sua estalagem). Aqui entrevemos um Camões místico, com um pensamento que tende para a mais depurada doutrina cristã, como está cristalizada na *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, nos Evangelhos. Quem mais poderia, senão um velho, fazer este papel? Se dúvidas houvesse da simpatia de Camões para com o Velho do Restelo, o início do canto V esclarece-as: «Estas sentenças tais o velho honrado/Vociferando estava, quando abrimos/As asas ao sereno e sossegado/Vento, e do porto amado nos partimos»⁴¹. *Honrado* aparece uma única vez no texto: neste passo. A partida era, contudo, a única solução. Camões bem o sabia: como ser um velho desenganado, consciente do erro de Prometeu, se não se for primeiro um jovem ousadamente enganado? Como perceber que a Índia era uma trágica ilusão? Como perceber que por ali não chegaríamos à Ítaca que pelo menos desde Homero procuramos? Fazendo a matricial e inevitável experiência bíblica da partida, condição essencial para um inevitável regresso.

Ao chegar à Índia, o Gama é levado à presença do Samorim, um venerando e próspero senhor, junto do qual está um enigmático velho reverente⁴², cuja função é dar-lhe a verde folha da erva ardente, isto é, o bétele, folha aromática que habitualmente é mastigada na Índia. Faria e Sousa chama a esta prática um «uso gentílico e bárbaro»⁴³. O último velho de aspeto venerando (por uma questão rimática, em algumas edições opta-se por soberano) surge no canto sétimo⁴⁴: é Luso, referido antes do lamento do poeta, e retomado no início do oitavo por Paulo da Gama enquanto descreve ao Catual as bandeiras e os estandartes da nau com feitos da História de Portugal. Velho Luso, símbolo da antiguidade da pátria amada.

Passamos pelos velhos com identidade singular, cuja voz ouvimos (ou não) no poema. Porém, também os encontramos em multidões: em Belém, a ocidente, há velhos e meninos a chorar com a partida dos nautas⁴⁵; a oriente, encontramos «velhos e moços, donas e donzelas»⁴⁶ pelos telhados e janelas, curiosos com a chegada do Gama. A inspiração deste passo camonianiano pode estar na *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda.

⁴⁰ CAMÕES, 2017 [1572]: 387-400.

⁴¹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto V, est. 1.

⁴² CAMÕES, 2017 [1572]: canto VII, est. 58.

⁴³ CAMÕES, 1972: canto VII, 310.

⁴⁴ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VII, est. 77.

⁴⁵ CAMÕES, 2017 [1572]: canto IV, est. 92.

⁴⁶ CAMÕES, 2017 [1572]: canto VII, est. 49.

No canto X, o poeta deixa um conselho final ao rei D. Sebastião, jovem com apenas 18 anos no ano da publicação do poema: «Tomai conselho só d'exprimentados,/Que viram largos anos, largos meses,/Que, posto que em cientes muito cabe,/Mais em particular o experto sabe»⁴⁷. Não é possível desvincular o próprio Camões da condição de homem experimentado na altura da finalização do poema. Ele próprio diz de si mesmo: «Vão os anos descendo, e já do estio/há pouco que passar até ao outono»⁴⁸, numa belíssima reescrita de um passo de Dante: «lá em descendo o arco de meus anos»⁴⁹. Porém, é este Camões na matura idade, de engenho frio, conscientemente atormentado pelo tempo que o consome, que dirá ao rei: «Pera servir-vos, braço às armas feito/Pera cantar-vos, mente às musas dada»⁵⁰. Lembra Maria Vitalina Leal de Matos⁵¹ que na obra de Camões há duas formas antagónicas de viver o tempo: no caso da épica, o homem salva-se justamente contra o tempo.

Convém recordar algumas coordenadas histórico-literárias do século XVI que nos podem ajudar a enquadrar a visão camonianiana da velhice. Cícero é, bem o sabemos, um autor admirado nos circuitos do humanismo renascentista. Erasmo de Roterdão admirava Cícero e o próprio Petrarca, no livro *De sui ipsius et multorum ignorantia*, assume que apreciava o Arpinate desde a juventude. Um dos seus tratados mais divulgados tem por nome *De Senectute* ou *Cato Maior*⁵². O objetivo deste diálogo clássico é fazer a apologia da terceira idade como uma fase da vida válida e feliz a seu modo. Pela voz do velho Catão, Lélío e Cipião ouvem a refutação dos principais argumentos que sustentam a tese da velhice como idade infeliz: a velhice torna a pessoa inútil à sociedade, retira-lhe as forças do corpo, priva-a dos prazeres da vida e, finalmente, traz o homem sob a permanente ameaça da iminência da morte. O interesse que despertava no meio português da época é provado pela tradução para vernáculo deste tratado, da autoria do humanista Damião de Góis, datada de 1538 e publicada em Veneza⁵³. Jorge Alves Osório estudou já com pormenor esta tradução⁵⁴. Dez anos antes da tradução de Góis, em Veneza também, existe uma outra coordenada que importa ter em conta nesta reflexão: *Il libro del Cortegiano* de Baldesar Castiglione⁵⁵. Nele lemos Camões: na aliança das armas com as letras, na referência a um Alexandre que tinha Homero à cabeceira. Nele encontramos também considerações sobre a velhice, sobretudo no princípio do livro segundo. Porque os velhos

⁴⁷ CAMÕES, 2017 [1572]: canto X, est. 152.

⁴⁸ CAMÕES, 2017 [1572]: canto X, est. 9.

⁴⁹ DANTE, 2015: Purgatório, canto 13, v. 114 («già discendendo l'arco d'i miei anni»).

⁵⁰ CAMÕES, 2017 [1572]: canto X, est. 155.

⁵¹ MATOS, 1981.

⁵² CÍCERO, 1998.

⁵³ CÍCERO, 2003.

⁵⁴ OSÓRIO, 1986.

⁵⁵ CASTIGLIONE, 2008.

louvam sempre o passado, e censuram o presente, Castiglione, citando Temístocles, lembra a utilidade de uma arte que ensinasse os velhos a esquecer (leia-se a elegia camoniana *O poeta Simónides, falando*)⁵⁶.

Porque profundamente humana, a visão camoniana da velhice n'Os *Lusíadas* é verdadeiramente poliédrica, herdeira de uma tradição, ciceroniana com as inevitáveis *umbras* com que Virgílio fecha a sua epopeia (Dante já ensinou, e Camões sabia, que Virgílio só pode ser nosso guia no Inferno e no Purgatório). A matura idade na épica camoniana é um lugar de múltiplos e, apenas aparentemente, contraditórios lugares. Não parece ser tempo de amores (na pintura já o tinha dito, por exemplo, Ticiano em *As Três Idades do Homem*)⁵⁷. O amor não entra, de resto, no programa do tratado ciceroniano. Diz Camões na carta escrita de Ceuta que «cousas impossíveis é melhor esquecer-las que desejá-las»⁵⁸. Diz Camões na comédia de *El-Rei Seleuco*: «Um homem velho, cansado, não tem força nem vigor, para em si sentir amor»⁵⁹. Porém, se parece não ser tempo de amores, pelo menos ao jeito das cartas, parece ser tempo preso a um Amor maior, forçosamente doloroso: pela pátria, pelos filhos, por quem se educa, por aquela Eternidade que está no fim da idade e que nunca juízo algum alcançou (o Velho do Restelo lembra que não se deve desprezar a vida, pois *Quem a dá* teceu perdê-la). Portanto, não há lugar para a quietude, mesmo na matura idade, porque afinal vivemos desterrados.

É tempo de lágrimas (lágrimas inúteis, como em Virgílio)⁶⁰, de uma melancolia maneirista sem refrigério, porque é tempo de perdas, de quebra de laços. Com a *Iliada*, Homero deixou-nos Príamo, esse velho que cai aos pés de alguém tão nobre como ele para lhe implorar a devolução do corpo do filho, Heitor. É tempo de decisões que escorregam das mãos, como mostra Afonso IV. Em contraste com as lágrimas, com a fraqueza, desenha-se no poema uma velhice como tempo de rosto aberto com a curiosidade pelo que ainda é desconhecido (velhos pelos telhados e janelas), como tempo de vigor na decisão, na luta, como prova Afonso Henriques. É tempo de ser mau guia, como prova o velho mouro, mas também de ser um guia leal, como vemos em Egas Moniz. É tempo de inércia, de cansaços, de carregar o mundo (o próprio ou o alheio) aos ombros, mas também de ação (mesmo velho, ainda se pode ousar ser herói).

É tempo, essencialmente, de experiência, tão exaltada no poema, e na linha ciceroniana que defende: «encontra-se nos velhos o pensamento, a sensatez e a

⁵⁶ CAMÕES, 1981: 154-163.

⁵⁷ Pode ver-se esta pintura no prezi construído como suporte da comunicação no colóquio em <<https://prezi.com/p/jd-zy9dfg1fp/ver-a-matura-idade-com-o-olhar-epico-de-camoes/>>.

⁵⁸ CAMÕES, 2017 [1572]: 389.

⁵⁹ CAMÕES, 2005: vv. 206-208, 270.

⁶⁰ VIRGÍLIO, 2013: canto IV, v. 449 («mens immota manet, lacrimae uoluntur inanes»; itálico nosso).

sabedoria»⁶¹. Em Goa, Camões contactou com Garcia de Orta e na obra deste, *Colóquio dos simples e drogas...*, é publicada a sua primeira poesia impressa, «Aquele único exemplo» (1563)⁶², na qual se sublinha o valor da velhice, a veneração que a ela se deve, usando como exemplo o velho Quíron, mestre de Aquiles. A imagem era conhecida na época: veja-se o emblema de Alciato dedicado aos conselheiros de príncipes⁶³. Homero deixou-nos Fénix, desenho do perfeito cortesão em Castiglione⁶⁴, preceptor de Aquiles, que bem o tentou demover da sua resolução de permanecer longe da batalha. Virgílio deixou-nos Anquises, o velho que Eneias carrega às costas, como herdeiro de um passado, voz de um futuro, única via de aceder aos Penates possíveis. Camões deixa-nos o Velho do Restelo, essa voz de um homem honrado que ensombra a aventura épica, reescrita desse jogo de luz e de sombras que é a *Eneida*. Diz Virgínia Soares Pereira sobre a *Eneida*: «Há marcas de amargura de que o poeta se (nos) não libertou»⁶⁵. Deixou-nos Camões estas marcas vincadas na voz deste velho. É um exercício doloroso ouvir a voz desenrugada deste homem, mas a sua voz pode ser como um restelo que aplanar e limpa a terra que somos.

Nestas brevíssimas considerações, esperamos ter sublinhado o lastro de humanidade que percorre os versos épicos de Camões. Vasco Graça Moura lembra-nos que «*Os Lusíadas* são uma imensa sinédoque de nós mesmos»⁶⁶, isto é, um espelho onde nos podemos sempre ver e rever (o que fomos, o que somos, o que seremos). Sophia de Mello Breyner lembra-nos que o poema nos ensina a não aceitarmos o ensombramento que nos rói⁶⁷. Jorge de Sena lembra-nos que Camões apenas quis o seu humanismo projetado no universo⁶⁸. Ver a matura idade com o olhar épico de Camões é ver uma tela de múltiplas cores, do negro ao branco. Contemplar este retrato é uma experiência de humanização, que sempre faz falta, um enterrar de pés no chão, mas sempre com um olhar naquilo que nos excede, uma tentativa de encontrar uma resposta para a pergunta que ecoa bem no centro da epopeia: *Quem és tu*⁶⁹?

⁶¹ CÍCERO, 1998: 47.

⁶² CAMÕES, 1981: 123-126.

⁶³ Pode ver-se este emblema no prezi construído como suporte da comunicação no colóquio em <<https://prezi.com/p/jd-zy9dfg1fp/ver-a-matura-idade-com-o-olhar-epico-de-camoes/>>.

⁶⁴ CASTIGLIONE, 2008: livro quarto, XLVII.

⁶⁵ PEREIRA, 1984: 173.

⁶⁶ MOURA, 1980: 30.

⁶⁷ ANDRESEN, 1980: 29.

⁶⁸ SENA, 1977. Ver testemunho em <<http://ensina.rtp.pt/artigo/ler-camoes-com-jorge-de-sena/>>.

⁶⁹ CAMÕES, 2017 [1572]: canto V, est. 49.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (2008). *Intertextualidade e hermenêutica no episódio do Velho do Restelo*. In AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *A lira dourada e a tuba canora: novos ensaios camonianos*. Lisboa: Cotovia, pp. 117-130.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1980). *Luís de Camões — ensombramentos e descobrimentos*. «Cadernos de Literatura». Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. 5, 149-164.
- CAMÕES, Luís de (1944). *Luís de Camões*. Introdução, seleção de textos e notas de José Régio. Lisboa: Livraria Rodrigues.
- CAMÕES, Luís de (1972). *Lusiadas*. Comentados por Manuel de Faria e Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Ed. fac-similada.
- CAMÕES, Luís de (1981). *Lírica completa*. Pref. e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Biblioteca de Autores Portugueses). Vol. III: *Canções, sextinas, odes, elegias, oitavas, élogos, epigramas*.
- CAMÕES, Luís de (2005). *Teatro completo de Camões*. Pref., notas e fixação do texto de Vanda Anastácio. Porto: Caixotim.
- CAMÕES, Luís de (2017 [1572]). *Épica e Cartas*. Org., intro. e notas de Maria Vitalina Leal de Matos. Lisboa: E-Primatur. (Obras Completas de Luiz Vaz de Camões; I).
- CARVALHEIRO, Zita Maria da Encarnação (2009). *O «De Partv Virginis» de Jacopo Sannazaro, uma epopeia humanista*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado.
- CARVALHO, Joaquim Lourenço de (1970). *Camões e Valério Flaco*. «Euphrosyne. Revista de Filologia Clássica». Lisboa: Imprensa Nacional. 4, 195-202.
- CASTIGLIONE, Baldesar (2008). *O livro do Cortesão*. Trad. de Carlos Aboim de Brito. Porto: Campo das Letras.
- CÍCERO (1998). *Catão-o-Velho ou Da Velhice*. Trad. do latim, intro. e notas de Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Cotovia.
- CÍCERO (2003). *Livro de Marco Túlio Cícero chamado Catão Maior, ou Da Velhice, dedicado a Tito Pompónio Ático*. Trad. de Damião de Góis; intro. e actualização de João José Alves Dias. Lisboa: Biblioteca Nacional. Ed. fac-similada.
- CIDADE, Hernâni (1924). *Camões: conferência feita na Faculdade de Letras do Porto em Junho de 1924*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto.
- DANTE (2015). *A Divina Comédia*. Trad. de Vasco Graça Moura; rev. de Carlos Pinheiro. Lisboa: Quetzal.
- FERREIRA, Vergílio (1985). *Espaço do Invisível*. Lisboa: Bertrand Editora, vol. IV.
- FLACO, Gaio Valério (2010). *Cantos argonáuticos: Argonautica*. Trad. do latim, intro. e notas de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- HESÍODO (2014). *Teogonia. Trabalhos e Dias*. 2.^a edição. Intro., trad. e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARTINS, José V. de Pina (2012). *Sá de Miranda e o Velho do Restelo*. In PEREIRA, Seabra; FERRO, Manuel, coord. *Actas da VI Reunião Internacional de Camonistas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 145-157.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1981). *O tempo na poesia camonianiana*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 127-142. Sep. Arq. Centro Cultural Português; 16.
- MOURA, Vasco Graça (1980). *Luís de Camões: alguns desafios*. Lisboa: Vega.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1980). *Órfico Ofício*. In MOURÃO-FERREIRA, David. *Obra Poética*. Lisboa: Livraria Bertrand, 2.^o vol.

- OSÓRIO, Jorge Alves (1986). *Cícero traduzido para português no século XVI: Damião de Góis e o «Livro da Velhice»*. «Humanitas». Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 37-38, 191-266.
- OVÍDIO (2007). *Metamorfoses*. Trad. de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia.
- PEREIRA, Virgínia Soares (1984). *Sementes de frustração na «Eneida»*. «Humanitas». Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 35-36, 171-220.
- PINHO, Sebastião Tavares de (2007). *Crítérios e métodos de censura na «edição dos piscos» d'«Os Lusíadas» de Camões e no poema «De Senectute» de Lopo Serrão, de 1579*. In PINHO, Sebastião Tavares de. *Decalogia Camoniana*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 37-52.
- POST, Houwens (1958). *A Little Known Source of «The Lusiads»*. Groningen: J. B. Wolters.
- SANTOS, Zulmira (2011). *O Velho do Restelo*. In AGUIAR E SILVA, Vítor, coord. *Dicionário de Camões*. Alfragide: Caminho, pp. 953-957.
- SENA, Jorge de (1977). *Ler Camões com Jorge de Sena*. [Consult. 23 dez. 2019]. Disponível em <<http://ensina.rtp.pt/artigo/ler-camoes-com-jorge-de-sena/>>.
- VERDELHO, Telmo (2012). *Luis de Camões: concordância da obra toda*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- VIRGÍLIO (2013). *Eneida*. 4.ª edição. Lisboa: Bertrand Editora. [Consult. 27 dez. 2019]. Texto em latim disponível em: <<https://www.thelatinlibrary.com/verg.html>>.

